

CAMPO E CIDADE

Contra a

Bioadversidade II

Evaristo Eduardo de Miranda

Nas áreas rurais, nas periferias urbanas e na produção agropecuária, os brasileiros enfrentam uma dura e cotidiana batalha contra a bioadversidade: pragas e doenças atacam humanos, animais, cultivos e o meio ambiente. Sem ações efetivas de gestão e controle, populações de animais selvagens, nativos e exóticos, proliferam. E, com eles, doenças e danos, tanto para humanos, como para flora e fauna.

Exemplo bem conhecido é o da proliferação das capivaras que invadem espaços urbanos, parques e áreas agrícolas. Além da destruição na vegetação cultivada, elas são vetores atestados de disseminação da febre maculosa, através do carapato-estrela, responsável pela morte de dezenas de pessoas. Isso levou à interdição do acesso a espaços públicos em diversas cidades. As placas advertem: "Capivaras. Afaste-se. Risco de febre maculosa". Eliminá-las não é fácil e constitui crime ambiental inafiançável. As prefeituras estão de mãos atadas.

Problema análogo ocorre com a proliferação de micos, saguis e até do macaco-prego, capazes de devorar ovos e filhotes, mesmo nos ninhos mais escondidos. Eles causam o declínio e até a extinção local de diversas populações de aves, além de invadirem residências e destruírem a vegetação.

Ao lado das pombas, os "ratos do céu", as maritacas adaptaram-se ao ambiente urbano, não cessam sua expansão e causam diversos danos, como às instalações elétricas, entre outros. Em áreas rurais, com a pomba-amargosa e outras pragas aladas, as maritacas chegam a impossibilitar o cultivo de girassol, sorgo e outras plantas, causam sérios danos à produção de frutas e atacam até os grãos

colhidos e o transporte de diversas culturas, como o amendoim.

Dois graves problemas faunísticos vieram da Argentina e Uruguai: a lebre e o javali. A superpopulação da lebre europeia ou lebrão virou caso de segurança aeroviária. A presença em grande número desses animais, ágeis e de hábito noturno, já preocupa a operação de aeroportos. Sua reprodução crescente e rápida inviabiliza a produção de hortaliças. Lebres são capazes de destruir plantações inteiras de maracujá, laranjais e cafezais em formação. Não há cerca ou tela capaz de contê-las. A praga é muito comentada em áreas rurais,

mas um dos maiores prejudicados é o coelho nativo. O tapiti e seus filhotes são mortos pela lebre que invade e ocupa suas tocas. O javali segue em expansão e ataca as mais diversas lavouras e ambientes naturais. Não há defesa contra esse animal agressivo que chega a 200 kg, atua em bandos e invade, inclusive, criações de suínos em busca de fêmeas. Em áreas protegidas, o javali ocupa o habitat e concorre com a queixada e o caetano.

Sem manejo adequado, a recuperação das áreas de preservação permanente e de reserva legal, determinada pelo novo Código Florestal, criará corredores ecológicos e novos espaços para am-

Projetos desenvolvidos para Casa Cor entre 2008 e 2012



Projetos e obras de arquitetura, reforma e interiores, residenciais e comerciais.

**CURITIBA (com agendamento):
Rua Emílio Pernetta 860 sala
201. Batek. (41) 9113-6720
LONDINA (com agendamento):**

ARQUITETURA

pliar ainda mais essas pragas e as doenças transmitidas. O contato das espécies invasoras com a fauna selvagem e doméstica amplia a possibilidade de proliferação de um grande número de doenças, que afetam os humanos e suas criações, como febre amarela, aftosa, lepra, raiva, leishmaniose etc. Sem gestão territorial e ambiental, a introdução e a aproximação desses animais de áreas rurais e urbanas inviabilizará a eliminação de diversas doenças e trará novas – e difíceis – realidades ao combate das zoonoses.

Não há planos, nem ações efetivas de controle de populações animais invasores. A situação sanitária atual e futura deveria ser objeto de uma atenção mais racional e preventiva, e não apenas emocional de seus defensores. Como enfrentar essa bioadversidade quando qualquer tipo de caça é crime e a posse de armas, mesmo em áreas rurais isoladas, é quase impossível?

E a bioadversidade dos invertebrados? Vai bem, obrigado. Ela resulta em parte da biodiversidade de mosquitos, pernileiros, carapanãs, borrachudos e assimilados. A dengue, transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, ultrapassou 1,5 milhão de casos em 2013, três vezes mais que em 2012! Um recorde como nunca se viu na história deste país. Foram 500 mortes registradas. E prosseguem crônicas a febre amarela, a malária, a oncocercose etc.

A bioadversidade provocada por vermes, proto-

zoários e assimilados também vai bem. Esquistossomose, doença de Chagas, toxoplasmose, amebíases, lombrigas, solitárias e giardíases proliferam. A falta de saneamento básico e de água tratada afeta criticamente tanto populações amazônicas ao longo de grandes rios, como a periferia de cidades e áreas rurais. Segundo o Instituto Trata Brasil, 88% das mortes por diarreia devem-se à falta de saneamento e 84% dessas mortes atingem as crianças. As infecções são contraídas geralmente pela ingestão de água, frutas ou legumes contaminados. Apesar dos progressos obtidos nos últimos anos (entre 2010 e 2011, houve um crescimento de 1,4 milhão de ramais de água e 1,3 milhão na rede de esgotos), não se coleta nem metade do esgoto produzido. E, do coletado, apenas 38% recebe algum tratamento. As inundações de verão, além dos deslizamentos de terra, trazem a leptospirose, pelo contato com a urina de ratos infectados. Sem falar no perigo do tifo e do tétano. Todas podem levar a óbito sem tratamento adequado.

A bioadversidade no Brasil ainda reúne exércitos de carrapatos, percevejos, moscas, mutucas, baratas, escorpiões, aranhas, morcegos hematófagos e transmissores da raiva, caramujos gigantes, serpentes peçonhentas e outras ameaças. E sempre recebem reforços externos: a recém-chegada lagarta *Helicoverpa armigera* já causou prejuízos de bilhões à agricultura brasileira! Isso não se re-

solve apenas com reflexões metafísicas. É preciso agir.

Explicações simplistas de que o desmatamento ou o “desequilíbrio ecológico” levam esses animais a se refugiarem nas cidades não servem nem como piada. No mundo inteiro existem gestão e manejo ambiental, como abate direcionado de animais e uso preventivo do fogo, por exemplo, até no interior de unidades de conservação. No Brasil não se pode fazer manejo e gestão ambiental sequer nas áreas agrícolas. E não há capacitação técnica e humana para o manejo, pois seria indução ao crime. A política resume-se a aplicar ilusórias “redomas legais de proteção” sobre territórios e espécies, mesmo se são invasoras ou estão em superpopulação. Maior que o desafio de preservar a natureza é o de geri-la e controlar suas populações animais. Enfrentar a bioadversidade exige, além de recursos financeiros, um cabedal de ciência, inovação e competência, algo raro, quase em extinção, no campo ambiental.



Evaristo Eduardo de Miranda, agrônomo com mestrado e doutorado em Ecologia, pesquisador da Embrapa, Ministro de exéquias, autor do livro “300 Razões para Batizar” (Ed. Vozes) e diretor do Instituto Ciência e Fé